



O FILÓSOFO BUSCA A VERDADE DESEJA O BELO E ALMEJA O BEM

Edilson Damasceno¹

PRÓLOGO: Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1984), especialista em Lógica, Filosofia e Metodologia da Ciência (UFRN, 1990), Mestre (Unicamp, 1993) e Doutor em Filosofia da Educação (Unicamp, 1995). Antônio Jorge Soares foi o primeiro Doutor da UERN, como professor do Departamento de Filosofia, (FAFIC, 1987-2006) e aposentou-se pela UFRSA (2006-2019). Em 2001 foi co-fundador do Curso de Licenciatura em Filosofia, na UERN em Mossoró e em Caicó. Por sua experiência profissional e sua produção filosófica e literária, ele ainda ocupa um lugar de destaque na memória de colegas e ex-alunos como exemplo pedagógico a quem se dedica ao estudo e ensino da filosofia. Daí a importância de registrar suas reflexões autobiográficas nessa conversa sobre a sua profissão, como professor e como filósofo.

ANTÔNIO JORGE SOARES

Fosse uma análise da astrologia, o nosso entrevistado teria o perfil ideal para quem se apresenta com as características de quem o vê em sala de aula: comprometido, justo, amante da beleza e do saber, além de externar sensibilidade, principalmente ao conhecimento. Contudo, se aplicarmos esses conceitos para a vida prática, o libriano Antônio Jorge Soares é possuidor do que se pode unir com a vertente que vem dos astros com a sua vida acadêmica. Ele é graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), especialista em Lógica, Filosofia e Metodologia da Ciência, mestre e doutor em Filosofia da Educação. Com ampla experiência na docência e pesquisa e um dos expoentes do curso de Filosofia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), ele se constitui em parte idealizadora do que se discute nos campi Central, em Mossoró, e Caicó.

Nascido em Natal no ano de 1957, ao vigésimo oitavo dia do mês de setembro - mesmo dia de aniversário da UERN -, Antônio Jorge Soares é, hoje, um exemplo a ser seguido por aqueles que se dedicam aos estudos filosóficos. Nesta conversa, o professor

¹ Jornalista, Licenciado em Filosofia (FAFIC/UERN) e Mestre em Ensino (UERN/IFRN/UFERSA).



Revista de Ciências Humanas da FAFIC/UERN	Entrevista	ISSN 2965.2677	DOI 10.59776/2965-2677.2022.4518
---	------------	----------------	----------------------------------

DAMASCENO, Edilson

conta um pouco da sua experiência profissional e de como, em meio ao mundo da mecânica, se voltou para as questões filosóficas e se tornou um dos principais nomes da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte quando se fala em Lógica e Filosofia da Ciência.

Acompanhe, abaixo, a conversa que transcorreu na manhã do dia 31 de outubro de 2023, data marcada por fenômenos estereotipados pela sociedade e que remetem, necessariamente, ao olhar que se percebe nas linhas a seguir. Boa leitura!

GRADUADO, MESTRE E DOUTOR EM FILOSOFIA. Com essa bagagem intelectual e acadêmica, será possível termos a resposta sobre o que é a verdade?

Uma das características fundamentais da Filosofia é o questionamento: pôr questões. Muitas vezes as pessoas perguntam como é que a Filosofia pode explicar isso... A Filosofia não tem a pretensão de explicar. A explicação é dada pela Ciência, que é a vertente que nos traz explicações dos fenômenos, das coisas que acontecem. Levantar as questões é próprio da Filosofia.

De um lado você tem a Teologia, que acha que tem a verdade, como João diz: “olha, conheceis a verdade e a verdade vos libertará!” Mas, para a Filosofia essa máxima não procede, porque quando você encontra a verdade, você encontrou seu canto. Encontrou algo que ficou encantado. Encantou-se com o canto. Encontrou lugar para ficar. E essa atitude religiosa, quando se tem um conhecimento de que você tem a perenidade de todas as questões, você destrói o construir a Ciência, construir um conhecimento, construir a Filosofia, que é a grande vertente que vai pôr as questões.

Pôr (colocar) as questões é mais difícil que respondê-las. Quem sabe pôr as questões já sabe metade das respostas. Então a Filosofia, pelas características dela, é pela perenidade das questões. Quando Sócrates coloca que “só sei que nada sei”, ele está dizendo assim: o que eu pensava saber eu não sei, ou que a única consciência que

<i>O Filósofo busca a verdade, deseja o belo e ...</i>	Mossoró/RN: FAFIC/UERN	Nº 6	2023	8/107
--	------------------------	------	------	-------



Revista de Ciências Humanas da FAFIC/UERN	Entrevista	ISSN 2965.2677	DOI 10.59776/2965-2677.2022.4518
---	------------	----------------	----------------------------------

DAMASCENO, Edilson

eu tenho é que as coisas são tão mutáveis, os fenômenos são tão mutáveis, que eu não tenho como afirmar sobre eles, categoricamente, que encontrei a verdade.

A verdade não liberta. A verdade aprisiona, porque coloca você no canto. Quem liberta é a perenidade de pôr questões. Pôr questões é diferente de elaborar uma pergunta, fazer uma indagação. Quando alguém faz a pergunta “que horas são?”, você olha o relógio e, dependendo da posição dos dígitos ou dos ponteiros, você responde à pergunta que foi feita. Mas quando alguém pergunta o que é o tempo, a coisa desanda, porque aí temos uma questão. Então quando uma indagação é fácil de ser respondida você tem uma pergunta. Quando a indagação pressupõe que você precisa fazer uma reflexão do conhecimento, do pensamento, você tem uma questão. Então, a característica da Filosofia é pôr as questões. Mas pôr as questões não é tarefa fácil. É difícil. Porque pressupõe que você já sabe metade da resposta, como já falei. Então, a máxima de Sócrates é a perenidade também. Não tem um parou, não. Ele está dizendo que é tão difícil você encontrar uma verdade que a verdade que eu possa lhe expor, ela foge de mim. Não tenho alcance desse dizer.

Portanto, quando você encontra a verdade, como a Teologia, você tem um lugar que lhe encanta, que lhe dá conforto, que você não precisa mais pensar. Por isso que os filósofos colocam assim, quando se coloca Deus na Ciência ou no conhecimento, você está dizendo que não precisa colocar mais nada, porque Ele explica tudo. Então não precisa do bom pensar. Só precisa pensar se não tiver ninguém olhando o que você está fazendo, não tiver ninguém explicando tudo. E a explicação é uma busca constante. Mesmo na história da Ciência, se você for examinar, que o que se tinha antes como verdadeiro muitas coisas ruíram com a pesquisa científica, com o avanço do aprofundamento das questões postas pela Filosofia e pela Ciência, que põe as questões.

Mas é essencial que a Filosofia ponha as questões. Então não existe na Filosofia, na Filosofia de verdade, um conforto de chegar, parar e dizer: pronto! Já sei

<i>O Filósofo busca a verdade, deseja o belo e ...</i>	Mossoró/RN: FAFIC/UERN	Nº 6	2023	9/107
--	------------------------	------	------	-------

isso aqui. Essa é uma concepção dogmática: você tem um dogma. Você não tem mais que pensar; o que pesquisar. Para tudo. A hipótese de você ter um Deus para tudo não deixa você pensar e não deixa você construir o conhecimento. Daí ser uma hipótese que não devemos ventilar quando estivermos estudando Filosofia, porque destrói a pesquisa, o conhecimento, o questionamento e a perenidade da Ciência e da Filosofia em si.

PARA CHEGAR A ESSE NÍVEL DE CONHECIMENTO e de ser espelho para estudantes e profissionais que já atuam na área, não poderíamos deixar de perguntar o que o motivou a buscar a Filosofia. Existe alguma causa específica?

Eu havia concluído o Ensino Médio na ETFERN (atual IFRN). Eu havia feito (o curso de) Mecânica e não dava para eu cursar Engenharia Mecânica, porque era um curso recente, de 1980, e que estava sendo criado na UFRN. E naquele mesmo ano estava sendo criado o curso de Filosofia (também na UFRN). Como eu não poderia estudar Engenharia Mecânica, porque era durante o dia, manhã e tarde – já que eu trabalhava manhã e tarde e não tinha como fazer – então procurei um curso noturno. Foi assim que em 1981 eu entrei.

Fiz o vestibular no final de 1980 e em 1981 entrei na segunda turma de Filosofia da UFRN. E graças a esse conhecimento de Mecânica, tive facilidade em compreender a Lógica com o professor Eduardo Moura, grande lógico do Brasil e um dos maiores do mundo, e com o Roberto Lima – professor de Filosofia da Ciência... E teve um professor que marcou todos nós, que foi Manoel de Vasconcelos Barbosa Filho, que foi para mim o maior filósofo que conheci e o maior professor de Filosofia também. Quem passou pelas mãos dele foi marcado. Eram apaixonantes as aulas dele. Então eu me espelhei naquele professor e descobri que em Filosofia você não pode terminar o curso de você ser filósofo.

Você termina Engenharia Mecânica, você é engenheiro mecânico. Se terminar Engenharia Agrônoma, é agrônomo. Se termina Direito, é jurista. Mas no caso da

Filosofia, não. Não é porque você passou em todas as disciplinas, não repetiu nenhuma e tirou média 7: você perdeu 30% de cada uma delas, perdeu 30% do curso. Você tem que entrar no curso para tirar 10... Aí você se transforma em um filósofo. Se você entra no curso somente para ter o diploma de Filosofia e não estudar o suficiente, você não consegue ser filósofo. Tem que estudar.

No meu Doutorado... Fiz Doutorado na Unicamp, Mestrado e Doutorado. Eu fiz doutorado em dois anos e três meses e (nesse tempo) estava pronta a minha tese. Eu não defendi antes porque no mínimo são dois anos para defender o Doutorado e eu estava com a tese pronta antes disso. E fiquei esperando um pouco mais para ver se alguma coisa acrescentava mais. Mas não acrescentava mais nada, meu pensamento estava naquela tese, na redação daquele texto naquele momento. E foi tanto que, achando que estava suficiente para fazer a defesa, que quando foi feita eu fui aprovado com distinção e louvor. Aprovado, você tira 7, dos cinco membros da banca... Tanto que minha defesa começou às 9h da manhã e terminou a 1h da tarde. Foi tranquila. Teve um colega que começou 2h da tarde e foi até às 2h da manhã. No meu caso, eu, além de aprovado, tirei 10, de toda a banca. E isso dá distinção. Agora, quando merece mais do que 10, vem o louvor. Então meu Doutorado foi aprovado com distinção e louvor. Inclusive com recomendação de publicação, nesse texto que você leu sobre Platão: essa é minha tese de Doutorado.

Então, foi aí que entrei no curso de Filosofia e fui compreendendo as máximas de que o que era Filosofia e não era. E encontrei algo muito mais belo, muito mais profundo... Não tem nenhum campo do conhecimento com mais longevidade do que a Filosofia. Exceto, talvez, a Matemática, porque Tales, um dos primeiros filósofos da tradição ocidental, era também matemático e um dos sete sábios da Grécia. Daí a influência da Matemática na Filosofia e vice-versa.



Os grandes matemáticos estudaram muita Filosofia. O Russell (Bertrand Russell, 1872-1970), Gödel (Kurt Friedrich Gödel, 1906-78), o Hilbert (David Hilbert, 1862-1943), esses caras conheciam bem. Então você tem o Círculo de Viena, por exemplo, que começa em 1920, quando Shlick (Moritz Shlick, 1882-1936) assume a cátedra de Filosofia, que é o titular da cadeira de Filosofia, na Universidade de Viena, na Áustria. Em torno dele, ele começa a chamar gente, especialistas, para discutir uma situação, que era o fundamento da Ciência: quando é que eu posso afirmar que algo é científico, que uma proposição é científica? Quando ela não é científica? Quais critérios disponho para distinguir um enunciado científico para um não-científico? Isso fez com que convergisse para esses encontros, em Viena, para a discussão sobre os fundamentos da Ciência. Isso em 1920.

E aí, em 1929, da discussão sobre os fundamentos da Ciência saiu o manifesto do ponto de vista do Círculo de Viena, escrito por Reinchenbach (Hans Reinchenbach, 1891-1953) e Rudolf Carnap (1891-1970). E ali se discute um ponto de convergência: as Matemáticas, principalmente os fundamentos das Matemáticas – onde é que podemos encontrar os fundamentos da Ciência, do conhecimento Científico? Na Matemática. Então, onde estão os fundamentos da Matemática? Na Aritmética. Viria dos números, dos conjuntos. E é aí onde estão os fundamentos da Ciência, da Matemática – e consequentemente, da Ciência.

Uma das teses se chama Logicismo, que achava que suscitar a lógica subjacente, do raciocínio matemático, era suficiente para provar os fundamentos da Matemática; demonstrar isso, assentar os fundamentos da Matemática, colocar em base sólida. Teve um outro movimento chamado Intuicionismo, de que as Matemáticas são intuitivas, não são verdades concretas, do mundo concreto e viriam do mundo intuitivo, da mente.

Outro movimento é o Platonismo, onde as formas matemáticas são originárias nas ideias, não são reais. Quando eu desenho um triângulo e digo que os somatórios dos ângulos internos são de 180 graus, eu estou dizendo que ali é somente na minha cabeça, porque tem as linhas perfeitas. Se você fizer o tracejado de um ângulo e colocar uma lupa em cima, vai ver que o tracejado tem uma discrepância nas extremidades e não é totalmente plano, reto. Mas ali é a linguagem mais próxima para exprimir, para dizer o que estou pensando. Porque ali não vai ser um triângulo perfeito, como está na minha mente e que vai dar 180 graus, do somatório interno. Isso é Platão, uma das leituras que fizeram de Platão. Mas aí é das Ideias Perfeitas.

Na verdade, essas ideias não são de Platão; são de Sócrates. E provei isso agora nesse livro que publiquei e considero minha obra prima: *Platão de Atenas, um filósofo por excelência*. Tem lá, explicando isso, como a teoria das ideias é de Sócrates e não de Platão. Isso é uma polêmica. É uma reviravolta na história da Filosofia. E isso precisa, como você disse, precisa demandar muito estudo, como você disse.

No Doutorado eu estudava 14 horas por dia. Estraguei minha vista: via muito bem e agora estou usando óculos. Mas consegui fazer, me dedicar e estudar Filosofia. Então, aconselho que o pessoal que entre no curso de Filosofia não pense em fazer Filosofia somente para tirar nota 7 e passar! Pensem em aprender Filosofia e tirar 10! Mesmo que não tire 10, e tire 8, tente tirar 10! Estude muito! Porque se colocarmos Tales, seis séculos antes de Cristo, nós temos aí 2.600 anos de Filosofia para estudar, aprender, pensar.

Os textos servem para pensar. Não podem servir como âncora que prendem o navio no fundo do mar. Tem que aprender a pensar o nosso mundo. Tem que ser ponto de apoio. Não pode ficar fixado. E a Filosofia, para mim, é a vertente mais bela, porque quando você entra na Filosofia, você faz um mergulho no conhecimento. E não há aventura mais bela, mais profunda, mais sedutora, do que estudar Filosofia.

EM MEIO A TANTOS UNIVERSOS FILOSÓFICOS, de acordo com o seu Lattes, uma das áreas que chamam a sua atenção é o da Lógica, considerada o “calcanhar de Aquiles” para muitos estudantes. Se formos construir um silogismo com essa história, como seria a explicação que mais poderá identificar essa predileção?

Não sei se pode construir um silogismo, que é um argumento que se tem duas proposições iniciais, no modelo clássico, das quais se extrai uma terceira. Isso nas regras das primeiras analíticas de Aristóteles. Mas a Lógica é a linguagem da Filosofia. Sem Lógica não tem Filosofia, que deve ser pensada como a Lógica, a Ontologia – que é a Filosofia por excelência, que trata do ser mais profundo e onde os pensamentos mergulham na profundidade do substrato do abstrato, de onde derivam as outras coisas, sendo a concepção do ser e estudar o ser em si, o ser uno, que é esse objeto da Filosofia Primeira... E a Teoria do Conhecimento, a Epistemologia, estudar as possibilidades do conhecimento, a essência do conhecimento, e aí você tem uma gama de estudos em que há verdade, em que se tem os critérios de verdade. Debruçar-se sobre estes temas é uma grande vertente da Filosofia.

Outro grande campo da Filosofia é a chamada Axiologia, ou a Ética e a Estética. A Estética é a parte da Filosofia que estuda o Belo, tem como objeto o que é perfeito, mais perfeito que possa ser executado. E, em contraposição, tem a Ética, que é o agir bem. A Estética é o fazer bem e a Ética, o agir bem. No fazer bem busca-se a perfeição. No agir bem tenta-se aproximar-se do bem o máximo possível. Se alguém vai atirar em outro, atirar na pessoa e matar, pela Ética, é condenável. Mas pela Estética, o tiro deve ser perfeito, tem que executar com perfeição. Os guerreiros buscavam isso.

Então você tem os campos da Filosofia: a Lógica, Ontologia, Epistemologia, Ética e a Estética. A Ética está ligada diretamente à ação, à política, à administração da Pólis, ao agir bem. E o fazer bem, da Estética. Mas a Lógica é a linguagem da Ciência, da Filosofia, do pensar filosófico, pensar científico. Sem a Lógica a gente não desenvolveria nada. A Lógica rudimentar de Aristóteles, como você falou, no

Silogismo, é uma coisa, que o Kant fala que a obra de Aristóteles estaria completa, da Lógica, não precisaria de mais nada. No entanto, quando Frege (Gotlob Frege, 1848-1925) escreve *Die Grundlagen der Arithmetik (Os Fundamentos da Aritmética)*, ele vai propor um sistema lógico de pensar. E simboliza, criando assim, a Lógica Simbólica, que vai ser desenvolvida por Russell, seu aluno, e com isso a Lógica vai tomar outro rumo. Vai ser a base da informática, da computação, cibernética, inteligência artificial.

UM DOS EXEMPLOS QUE NOS FOI PASSADO EM SALA DE AULA NA UERN, por um dos professores de Filosofia, se volta para o conhecimento, quanto a ser observável ou experimentável. E é uma briga que perpassa a história, da Grécia Antiga aos dias atuais. O senhor crê que é possível adquiri-lo pela observação ou precisamos experimentá-lo? De que maneira a gente pode assimilar essa ideia?

Quando você vai a uma floresta e vislumbra, saindo de trás do tronco da árvore, umas garras, dois pares de garras, subindo na metade do tronco, e uma calda saindo por trás, você diz: “ali atrás tem um macaco”. Por que não diz “tem uma vaca”; ou “uma cobra”? Porque você sabe que as garras que aparecem ali não se assemelham às patas da vaca, porque aquelas garras não se assemelham ao que tem na cobra. Cobra não tem garra. Então você não fala que é uma serpente ou uma vaca. Ao olhar que você lança ali, é um olhar carregado de informações. Não é um olhar neutro, desprovido de conhecimento.

Então, para você enxergar precisa conhecer. Só que a impressão sensível não é suficiente. Tem que ter um cérebro por trás dessa impressão sensível. Há animais que vêm melhor que nós, mas como eles não têm cérebro privilegiado por trás dos seus olhos, eles não conseguem enxergar, conhecer mais do que nós. O olhar, o perceber das coisas, sempre está carregado de teorias. Os sentidos são cegos. Você escuta um som, mas não consegue detectá-lo. Se você for músico saberá dizer qual nota é, que tom toca aquela música. Se você não for treinado, não consegue. Você imagina colocar o índio do Xingu, no estágio em que ele foi encontrado pela primeira vez, na corte da Inglaterra;

pegar a rainha (ou rei) e colocar no Xingu. Quem você acha que morreria primeiro? A rainha. Ela pode ter todo conhecimento das coisas, mas não tem olfato das coisas que passam pela película e ela não sentiria o cheiro da onça se aproximando, da sucuri, assim como o índio percebe. Seria um grande perigo para a rainha. Ela sucumbiria primeiro do que o índio colocado na corte inglesa.

O olhar não pode ser cego. O olhar sempre é carregado de teoria. É um grande erro pensar que pode enxergar as coisas somente com os olhos. Tem que ter a teoria por trás.

Quando houve o desenvolvimento da *ars* (arte em latim) e da *téchnē* (técnica em grego), a *ars* levou ao artesanato e o *téchnē* levou à tecnologia, que é a junção de duas palavras gregas: *téchnē* e *logia*. E formou os engenheiros. Que são os caras que transformam a superfície da terra, construindo pontes, esgotos, edifícios, carros, naves espaciais. São os engenheiros que transformam a superfície da terra em benefício da humanidade. Pensar que as coisas estão, grande parte ... está indo para o bem da humanidade. Existem as ideologias, econômicas e políticas, que são outras questões. Mas o olhar é sempre carregado de teoria.

Não pode haver conhecimento: ninguém pode chegar a algum conhecimento sem teoria. Por isso que eu falo que é preciso estudar, estudar e estudar. Quanto mais estudar, mais você enxerga. Imagine que você pega um texto em inglês sem saber inglês. Você vai entrar no texto? Não vai. Você pega um texto árabe sem saber árabe, vai para onde? Você pega um eletrocardiograma e não estudou aquilo, então você não vai ler nada. O especialista consegue ler porque ele tem teoria.

PELA HISTÓRIA QUE SE SABE na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, o senhor foi um dos responsáveis pela criação do curso de Filosofia no campus Central e no campus de Caicó. O que o levou a apresentar à UERN a possibilidade de oportunizar à educação básica a chamada formação pensante?

Eu creio que toda formação tem que ser pensante. Se você ler os livros e não ler a realidade desses livros, os seus fundamentos, da tua área de conhecimento, você

não terá compreendido nada. Os livros servem para a gente ler a realidade em que estão inseridos. Participar da construção do bem, da condução da humanidade para o bem, para um amanhã mais sadio e combater as coisas ruins. Para se participar consciente e tendo a leitura dos textos.

Hoje o pessoal não lê mais; só quer respostas. É uma sociedade digital e não uma sociedade pensante. É muito difícil pensar, pois tem que ter conhecimento da Lógica e ler muito. E aí não se faz mais isso. Antigamente, quando eu estava na Unicamp, a gente tinha uma aula por semana de cada disciplina. Eram três disciplinas no semestre e a gente tinha uma aula por semana. O professor chegava e dizia: está aqui a relação de livros para a próxima aula. Não eram pagininhas. Eram 15, 20, 30 e teve uma vez que foram 45 livros para a próxima aula. Então, é claro que nesse caso a gente não tinha condições de ler tudo, mas pegava o fundamental e depois ia ler para complementar. E a gente não reclamava... (dizer) que tem outra disciplina e não posso pagar a disciplina, eu trabalho... Então não faça o curso. Ah, essa concepção é elitista... Não é elitista. É real. Você quer fazer um curso e competir com a classe dominante ou você quer ser dominado, ser tratado sempre de coitadinho e você não fazer nada? Então tem que levar a sério o conhecimento. E a Filosofia ajuda demasiadamente isso.

E no caso do curso da UERN, foi uma conjuntura política. A igreja queria criar o curso de Filosofia, mas não queria mandar seus alunos estudarem com a gente e nem fazer o vestibular. Queria entrar pela janela. E a gente disse que iríamos fazer o curso que serviria para os dois. E começamos a elaborar o curso e, com ele, colocamos em Mossoró e Caicó. João Batista (Xavier, DFI/FAFIC), William (Coelho, DFI/FAFIC) e eu elaboramos a proposta do curso, levamos para o Departamento. Teve muita polêmica para se aprovar, mas conseguimos aprovar. Passou e está aí. Foi uma conjuntura em que a gente queria o curso.

Existia na Universidade um preceito do então reitor, de que os departamentos que não tivessem curso iriam fechar, e a gente criou o curso nesse contexto. Criamos e fomos muito felizes. Os colegas vieram depois, por meio de concursos. Brigamos por

vagas para professores, conseguimos e agora temos dois cursos já consolidados legalmente, que expedem seus próprios diplomas, e isso é muito importante para a Filosofia no Brasil e no Rio Grande do Norte e, em particular, no Oeste e no Seridó.

DIANTE DE TUDO o que o senhor disse, o que se pode estudar em Filosofia?

No campo da Lógica houve um grande desenvolvimento da Lógica Matemática. E já falei sobre isso (leia acima), mas a aplicação dela, em vários campos, está se desenvolvendo e tem muito o que se fazer. Principalmente nas Lógicas Não-Clássicas. A Lógica Clássica é aquela que obedece aos princípios de Aristóteles: Princípio da Identidade, do Terceiro Excluído e o Princípio da Não-contradição. Se você tem uma Lógica que desobedece a um desses princípios, você tem uma Lógica Não-Clássica. A Lógica Paraconsistente enfraquece o Princípio da Identidade. Toda Lógica Clássica é binária, tem verdadeiro e falso, um ou zero, que é como se diz na linguagem matemática.

Se você tem uma máquina de lavar que é binária, ela só reconhece a roupa suja e roupa limpa, um ou zero, verdadeiro ou falso, como queira. Por outro lado, foi preciso encontrar uma Lógica Ternária, que tem três valores: a roupa suja (dois), a roupa mais ou menos suja ou limpa (um) e zero seria a roupa limpa. Então, quando coloca na máquina, ela faz a análise e vai usar uma que identifique mais ou menos (suja) e põe menos água, menos sabão e vai levar menos tempo para lavar. É mais inteligente e economiza muito mais coisa. E isso é produto da Lógica, uma Lógica que a gente desenvolve, que seria a Trivalente (três valores).

O campo da Epistemologia está mais ou menos arrumado. Embora a Ciência tenha avançado muito, tem dado passo grande na questão do conhecimento. O desenvolvimento da Estatística proporcionou isso. Trabalha-se muito com probabilidade e as ciências são muito matematizadas. O desenvolvimento da Matemática também proporcionou isso. A gente tem supercomputadores graças ao desenvolvimento da



Revista de Ciências Humanas da FAFIC/UERN	Entrevista	ISSN 2965.2677	DOI 10.59776/2965-2677.2022.4518
---	------------	----------------	----------------------------------

DAMASCENO, Edilson

Ciência. E a gente tem outra visão do mundo em função da Mecânica Quântica e da Mecânica Relativista, Astronomia, essas coisas todas.

Outro campo da Filosofia que, parece, precisa de produção acadêmica, filosófica, é a Ética. Essa Ética está presente no agir humano, agir bem, na sociedade, e tem conotação política, participação política, ao exercício da política e da vida do cidadão na Pólis. Daí precisa trabalhar também a Filosofia da Educação voltada para os princípios que devem nortear a pesquisa para que possa agir bem na sociedade em que se está inserido.

A MÚSICA, professor, está ligada diretamente às emoções e nos remete às dores metafísicas que remetem a alguma decisão. Nesse caso, e somente nesse, estaríamos em um dilema envolvendo vida e sofrimento, alegria e tristeza. O senhor concorda com Belchior, que “viver é melhor que sonhar”?

Belchior é nosso compositor cearense. Um grande compositor engajado nas lutas políticas da história do Brasil. A música, para os gregos, era a arte das musas, do encantamento. E havia sido desenvolvido no mundo Grego por Pitágoras, quando estendeu uma corda e puxou no meio, produzindo um som. Depois ele pegou a metade e fez outro ponto de apoio. Assim ele foi fazendo até conseguir as sete notas musicais. A arte das músicas, o encantamento, encantar, deixar no canto, plasmar as almas... A música tem essa propriedade: plasmar as almas.

Hoje, no Brasil, está havendo uma luta de classes, luta cultural – e já tinha há muito tempo, mas agora você vê que há uma hegemonia na maneira de ver a música como sem melodia, sem letra, a não ser sexo... Ato que não seriam nobres para uma sociedade ética. Em vez de educar, está deseducando. As pessoas estão consumindo este tipo de receita e estão se depreciando como pessoa humana, o corpo humano. As mulheres têm feito movimento fantástico de libertação, de igualdade com os homens, e de repente o corpo delas está sendo exposto de maneira vil, pouco ético, para a exposição somente da sexualidade, usar somente como objeto de gozo sexual e não de construção de uma sociedade justa e igualitária para todos.

<i>O Filósofo busca a verdade, deseja o belo e ...</i>	Mossoró/RN: FAFIC/UERN	Nº 6	2023	19/107
--	------------------------	------	------	--------

JÁ QUE SEMPRE QUE ALGUM FILÓSOFO É ENTREVISTADO, esta pergunta surge, na linha da música de Belchior, “o amor é uma coisa boa”?

Nós, filósofos, compreendemos o amor como derivado de Eros, o deus do amor. Eros é um ser carente. Um ser que não é completo. É filho da miséria e das migalhas que caem da mesa. E está sempre buscando se completar. Esse estado de imperfeição de Eros faz com que ele esteja desejando se completar, buscando. Então o princípio de Eros é a carência e desejo. E desejo é carência. Daí os filósofos dizerem que carência e desejo não são adequados ao perfeito. Ou seja: Deus não amaria porque Deus é perfeito. Na concepção religiosa de Deus, Deus ama. Mas seria contraditório para o pensamento filosófico, porque amar é sinal de carência, de não estar completo.

Então, quando se ama, se está desejando e se aposta, naquele momento, que o objeto amado passa a completar a parte faltante, a parte carente do ser amador. Amador quer dizer amante, de quem ama. Entenda-se bem, por exemplo: o esporte amador se faz por amor, não faz por dinheiro. O desejo e carência não seriam apropriados para Deus, um ser perfeito. Essa é uma discussão, um posicionamento da Filosofia.

Mas o amor seria o desejo se completar, pois no (livro) *Banquete*, de Platão, tem uma figura de um andrógino. Andrógino seria um ser que tem quatro patas ou quatro pernas, quatro braços, dois rostos e duas frentes e corria girando. Era tão rápido e poderoso que desafiou os deuses. Então Zeus o puniu, dividiu no meio e fez a costura no umbigo para que ele se lembrasse que um dia desafiou os deuses e foi derrotado. Ele (Platão) cria a imagem de um ser que precisa ser completado, complementado, que é o ser humano, produto do andrógino. Por isso que Luiz Airão vai dizer: “esse camarada se androginou/a moça deu bola a ele e ele não ligou”. Então o andrógino se satisfaria a si mesmo e não precisaria do outro. Hoje tem muitos andróginos por aí, ou pretensos andróginos... O amor é carência.

Quando você ama, você encontrou o seu canto. Você está encantado. Simplesmente os tentáculos do amor te puxam como se fosse um sonho, pesadelo ou sonâmbulo e fica te arrastando para ele. Você não vê outra coisa a não ser o amor. Os conselhos que te dão contra o que você está querendo ouvir ... você escolhe as pessoas, porque você não quer contrariar aquilo que você está pensando, que você deseja. Quando as pessoas lhe contrariam, simplesmente você se afasta delas, vê-las como inimigas, porque você quer aquele encanto. Aquele encanto te encantou tanto que você encontrou seu canto, um tanto quanto confortável do qual não quer mais sair. Então o amor é carência e não tem como você, uma vez possuído, ser levado adiante. E aí o encantamento das músicas, das musas, o plasmar ... e isso aí tudo: o amor é carência e encantamento.

Você não pode jurar amor eterno, porque o amor vai durar até aquele encantamento durar. Não pode prometer que vai amar alguém para sempre, porque o sempre vai ser aquele instante em que durar o encantamento. No momento em que o encantamento desaparecer você deixa de amar. Às vezes passa para o outro extremo: odiar. Mas você é atraído e não quer sair se estiver amando. Mas não pode prometer amor eterno nem exigir do outro amor eterno. A eternidade, no amor humano, é enquanto durar o plasmar das almas, feito pelo feiticeiro do amor, que é Eros.

Não sei se é uma coisa boa, o amor. Tem uma música antiga, de Valdique Soriano, que diz assim: “eu pensei que o amor era bom/mas quando eu entrei nele ele me fez ficar muito dolorido.” Então o amor faz doer. Dói muito. E não sei se é bom. Cada um vai viver uns pedaços do amor e na instância que durar. Mas não sei se é bom. A música não é só para isso. Tem música de protesto, de política, música engajada, mas essa é uma das vertentes da música.

COMO O SENHOR ANALISA, hoje, a presença da Filosofia na Educação? Existem motivos para que haja discriminação e marginalização em torno dela?

A Filosofia da Educação, se existir, e acredito que exista, está em Platão. Nenhum filósofo se debruçou sobre a educação como Platão. Ele viu que sem educação não tem esperança de você ter um dia amanhã na Pólis. Um dia bom amanhã na Pólis. Ele dizia que “um homem educado é o mais dócil dos animais, mas um homem mal-educado é o pior dos animais”. Ele dizia: “a maior das tarefas a ser executada pelo ser humano é administrar homens”, para fazer a política. Para administrar homens você precisa ter uma Pólis e Platão coloca isso com muita propriedade nas suas obras. Você vai ver isso (no meu livro) *Platão de Atenas, um filósofo por excelência*, que, como já falei, é minha obra prima.

O engajamento político é muito importante, mas sem um processo educativo para sedimentar e perpetuar os valores, não vai haver progresso. A educação precisa ser construída a partir de uma eticidade, a partir de uma concepção de universo, de comunidade, e construída conscientemente com engajamento político. A educação sozinha não faz revolução. É preciso engajamento, participação, discutir as ideias e precisa, antes de mais nada, de democracia. Porque sem democracia não é possível aceitar o pensamento do outro, não é possível escutar o outro falar e aceitar, às vezes, contra a sua própria concepção, que o outro tem razão.

Hoje todo mundo está com o nariz levantado. Você pega um guri para jogar bola e diz que ele está chutando errado, ele vai dizer que sabe. Mas, então, por que chutou errado? Porque você sabe, se fizer errado, é perverso? Hoje todo mundo acha que sabe. E quem é que vai ensinar a essas pessoas essa mentalidade? Hoje é difícil você quebrar essa mentalidade “eu sei”. Mas complete e diga “só sei que nada sei”, que é a máxima socrática. Aí, sim, você aprende. Mas dizer “eu sei” e fazer o errado, o que leva você a fazer errado alguma coisa?

Quando, na Finlândia, tinha no metrô uma catraca que era aberta e as pessoas passavam por lá, e outras pessoas pagando o ticket, foi perguntado: “porque ele passa ali?” E a resposta foi que ali era para passar quem não tinha dinheiro para pagar a passagem. E por que a pessoa que tem dinheiro não vai pagar passagem? Não faz



sentido. Então, um país corrupto como o nosso, não vê sentido nisso. Tem que mudar a mentalidade.

Se não mudar a mentalidade a gente está perdida com esse tipo de cultura hegemônica que não é musical, não é música e não é nada, mas que está substituindo a música. Um único cara, com a mesma voz, cantando várias músicas que eram belíssimas e que os compositores levaram tempo para construí-las, assim como os arranjos... Os caras destroem para colocar um “bucobuco” na cabeça da pessoa, não tem nada falando, muda o ritmo original, deforma... A deformidade é coisa feia porque a morte vem matar a gente quando a gente está velhinha, mas também morre gente nova. Mas a gente está feia e a morte vem buscar os feios e ficam os belos. Então a música, quando é deformada, destrói tudo.

A educação tem um papel importantíssimo nisso aí. E se existir uma Filosofia da Educação, ela está em Platão, porque ele foi o único filósofo que se preocupou em traçar um plano para a educação que tenha um engajamento político claro. Os textos de Marx (Karl Marx, 1818-1883) que o povo usa hoje ou que usou no passado, eram textos forçados, e falam só literalmente, e não para uma Filosofia voltada para a educação mesmo, pensamento da educação. Mesmo com a Pedagogia há campo para a Filosofia da Educação. A Pedagogia é a Ciência que estuda a educação em si. A Sociologia da Educação é Sociologia com viés na educação. A Filosofia com viés na educação é um pouco diferente... Totalmente diferente. Você tem a história da Química: não é química. A história da Matemática não é matemática. Agora a história da Filosofia é Filosofia. Filosofia é diferente.

ESTARIA FALTANDO ALGO para que haja incremento da Filosofia, seja na Universidade ou na Educação Básica?

Vou falar sobre como vejo o curso de Filosofia hoje. Uma estratégia que seria possível era colocar os melhores professores, os mais qualificados, nos dois primeiros

semestres para que eles pudessem, logo, seduzir os alunos. Se você recebe um tapa na cara... O pessoal vai para a Filosofia com medo da Matemática e chega lá encontra a Lógica, e se o professor de Lógica não souber ensinar?! ... Sempre defendi que deveríamos ter a Lógica da Silogística primeiro e depois a Lógica Matemática.

Você precisa segurar o aluno. Jogar o aluno na Lógica Matemática no primeiro semestre ou segundo, sem passar pela Lógica Aristotélica, por exemplo, você vai criar um problema sério porque os alunos vão embora. Você esvazia o curso de Filosofia. Essa é uma estratégia: colocar os melhores professores para a frente e colocar... Foi feita uma mutilação no curso que eu fiz, que elaborei e pensei, eu e os outros dois que já citei (João Batista e William Coelho)... No momento em que tirou (a disciplina) Análise de Textos Filosóficos, que é a primeira disciplina que o aluno deve aprender a ler... Quem entra na Filosofia vem do Ensino Médio ou de outro curso, mas não sabe ler Filosofia. Ler Filosofia não é o mesmo que ler jornal, com todo respeito, não é ler romance. Você lê palavra por palavra.

AINDA EXISTE DISCRIMINAÇÃO PARA COM A FILOSOFIA?

O que é real: se você examinar a história da Filosofia vai ver que todos os filósofos foram perseguidos: Tales, Pitágoras, Anaxágoras. Sócrates foi morto. Platão teve que fugir. Aristóteles foi banido. Por que a Filosofia é perigosa? Porque a classe dominante combate, com veemência, a Filosofia? Por que a Filosofia é tirada dos currículos? Justamente porque ensina a pensar, a pensar o pensamento, os homens, os valores, a vida. Um ser pensante é um ser perigoso. Naquele *Metrô Linha 743*, de Raul Seixas, ele coloca lá: “olha, o que você está pensando?”, chega o inquisidor. “Pelo que você está pensando eu sei o preço da sua cabeça”. Então é isso: a Filosofia é muito perigosa, porque não constrói armas para matar. E constrói. Ela não constrói conflitos bélicos. Constrói.



Revista de Ciências Humanas da FAFIC/UERN	Entrevista	ISSN 2965.2677	DOI 10.59776/2965-2677.2022.4518
---	------------	----------------	----------------------------------

DAMASCENO, Edilson

A Filosofia ensina a pensar e mostra o quanto o pensar é importante e quanto o pensar é difícil. E isso é uma arma poderosa na mão do povo. Um povo que pensa, o povo tem medo. Um povo que não pensa e consome bobagem, é um bando de consumidores banais, transformado em pessoas, *personas* – em Hegel tem isso e o conceito dele é aquele que vai construir a Pólis, o Estado. Então a Filosofia é perigosa porque ensina a pensar, traz o conflito, o debate perene, não se fecha e não para. Igual àquele rio de Heráclito, no qual nos banhamos só de vez em quando e entramos nele e as águas já estão escoando e estamos perdendo tempo.

Uma definição que criei da Filosofia é que ela é a via racional pela qual se toma consciência dos limites da imensidão da nossa própria ignorância. Nós estamos ligados à ignorância. Quem não consegue se libertar, ter cabeça para pensar, é escravo da ignorância. Não sabe seus direitos, não sabe onde buscá-los, não sabe participar nem respeitar o outro. É sempre com agressão: física e verbal. São pessoas que não são pessoas. São seres em forma de humanos, mas que o forte neles é o animal que está em todos nós. A parte animal se sobressai quando não existe ética, o respeito, a Filosofia, o pensar livre e democrático.

A Filosofia não foi criada no Egito porque lá tinha o sacerdote. O sacerdote não deixa pensar. A Filosofia não foi criada entre os judeus, porque lá tinha os pais da Cabala e não deixam pensar. Quando alguém pensa é executado, morto, sacrificado. Em uma sociedade de castas, como a Índia, não surgiu a Filosofia. A Filosofia surge na Grécia porque era livre politicamente, principalmente em Atenas, onde nasceu grande desenvolvimento. E na Turquia, claro, que era a Jônia, e provavelmente vinha dos atlantes, que no meu livro (*Platão de Atenas, um filósofo por excelência*) eu falo.

DE SÓCRATES A HEIDEGGER a gente estuda que o homem é essencial para a compreensão da sociedade e da própria história, a qual, segundo Marx, é construída pelo próprio homem. Nesse aparente emaranhado histórico, qual seria, realmente, o sentido do ser no mundo?

<i>O Filósofo busca a verdade, deseja o belo e ...</i>	Mossoró/RN: FAFIC/UERN	Nº 6	2023	25/107
--	------------------------	------	------	--------

Isso depende de cada concepção filosófica. O fato é que estamos inseridos no mundo com outros homens e nós dependemos uns dos outros. O feijão que eu como não foi plantado por mim, não foi transportado por mim, não foi lavado por mim. Não foi escolhido por mim. Não foi cozinhado por mim. A dependência é muito grande. Um garçom faz todo o ritual no palco da vida para receber-me no bar em que ele trabalha e me traz o cardápio, me trata com respeito. Tem todo um respeito. Mas daqui a pouco ele vai para outro bar, e lá ele não é garçom. É cliente. E outra pessoa vai fazer a representação para ele lá. Nós estamos em um palco. A vida é um palco e estamos sempre representando as coisas, no sentido de que estamos agindo no ritual.

A vida, segundo o Existencialismo, é ridícula. Você vê numa peça teatral o cara chegar e dizer assim: “quem foi que foi no banheiro e não deu descarga/Está cheio lá. Não tem quem aguento entrar”. Se for uma peça teatral todo mundo vai rir. E por que vai rir? Porque rir daquilo lá, se o ato de esquecimento, de fazer essas coisas, faz parte da vida, da vida real? Então você está rindo da ridicularidade da vida. É banal este ato e você ri do ridículo, do banal. E o que dá sentido?

Cada um dá sentido à sua vida. O sentido precisa da compreensão e da existência do outro. Eu, sozinho, não sou nada, não tenho sentido. Hoje a sociedade é tamanha que não é possível você viver fora dela, ser um ermitão, um eremita. Só é um eremita se a sociedade permitir, então você não é eremita. A vida, hoje, exige que você esteja, não só respirando, mas construindo a vida junto com os outros para que você possa entender que a beleza do viver está em partilhar, em perdoar, em perenizar o belo, o bem e a verdade. São as três vertentes platônicas. O filósofo busca a verdade, deseja o belo e almeja o bem.

OBRAS PUBLICADAS

SOARES, Antônio Jorge (2020). *Platão de Atenas, o filósofo por excelência*. Curitiba: Editora CRV. 170p.



Revista de Ciências Humanas da FAFIC/UERN	Entrevista	ISSN 2965.2677	DOI 10.59776/2965-2677.2022.4518
---	------------	----------------	----------------------------------

DAMASCENO, Edilson

SOARES, Antônio Jorge (2019). *Lógica para quem precisa argumentar... e você precisa!* 1. ed. Curitiba: Editora CRV. v. 1000. 122p.

SOARES, Antônio Jorge (2018). *A Porta do Meio, a história do Brasil que o brasileiro não conhece*. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2018. v. 1000. 110p.

SOARES, Antônio Jorge (2018). *Esboço de uma Epistemologia para uma História da Química*. 1. ed. Curitiba: Editora CRV. v. 1000. 80p.

SOARES, Antônio Jorge (2005). *Alguns olhares sobre o cotidiano*. 1. ed. Mossoró: Fund. Vingt-Un Rosado. v. 1000. 67p.

SOARES, Antônio Jorge (1999). *Dialética, Educação e Política; uma releitura de Platão*. 1. ed. São Paulo - SP: Cortez Editora. v. 01. 240p.

Além de vários artigos em eventos e revistas especializadas, conforme indicado no seu currículo Lattes.

O Filósofo busca a verdade, deseja o belo e ...	Mossoró/RN: FAFIC/UERN	Nº 6	2023	27/107
---	------------------------	------	------	--------